

## INVESTIGAÇÃO, FÉ E DESESPERANÇA: ABDUÇÃO EM *O NOME DA ROSA*

INVESTIGATION, FAITH, AND DISPAIR: ABDUCTION IN *THE NAME OF THE ROSE*

José Carlos Camillo<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo investiga a presença do conceito de abdução no romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco. O livro lançado em 1980 foi um marco na literatura, ganhando grande influência tanto dentro como fora dos meios acadêmicos. Nele, é possível ver muito do aspecto acadêmico de seu autor, como seus estudos em filosofia medieval. Porém, a filosofia de Eco foi grandemente influenciada por Charles Sanders Peirce e isso é perceptível em suas obras de ficção também. Por isso, este artigo analisa o papel da abdução peirceana no romance de Eco e como ela serve de desenvolvimento de personagem para o protagonista, Guilherme de Baskerville. Para isso, primeiro será discutida a influência de Peirce em Eco. Depois será apresentada a filosofia de Peirce. Nessa apresentação, maior importância será dada para o conceito de abdução. E, por fim, será analisado como a abdução peirceana se faz notada em *O nome da rosa*.

**Palavras-chave:** Abdução. Peirce. Umberto Eco. *O nome da rosa*.

### Abstract:

This paper investigates the concept of abduction in the novel *The name of the rose*, by Umberto Eco. The book, released in 1980, was a landmark in literature, gaining great influence both inside and outside academia. In its narrative, it is possible to see much of the academic aspect of its author, such as his studies in medieval philosophy. Besides that, Eco's philosophy was greatly influenced by Peirce and this is also noticeable in his works of fiction as well. That is the reason why this article analyzes the role of Peirce's abduction in Eco's first novel and how it works as a character development for the protagonist, Guilherme de Baskerville. For this, first, the influence of Peirce on Eco will be discussed. Then, Peirce's philosophy will be presented. And, finally, it will be analyzed how Peircean abduction is developed throughout the book *The name of the rose*.

**Keywords:** Abduction. Peirce. Umberto Eco. *The name of the rose*.



<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela UFG, bolsista da FAPEG. Mestre em filosofia pela UFMT com bolsa pela CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4110-3386>. Email: josecarloscamillo@gmail.com

## Introdução

*O Nome da Rosa* (ECO, 2021) foi lançado em 1980 e desde aquela época foi considerado por muitos críticos como um clássico contemporâneo. Foi o primeiro livro de ficção de seu autor, Umberto Eco, filósofo e semiologista italiano. A narrativa do livro toma lugar no ano de 1327 A. D. e se passa principalmente em uma abadia fictícia na Itália. Narrada por Adso de Melk, um noviço beneditino, a trama conta a missão do narrador e seu mestre, frei Guilherme de Baskerville, da ordem franciscana, de ir à abadia lidar com uma intriga teológica que estava agitando a Igreja Católica à época. A disputa estava relacionada à própria existência da ordem franciscana e a heresias mendicantes da época. No entanto, ao adentrar no local, o abade solicita a Guilherme, que havia sido inquisidor por um tempo e tornara-se famoso por suas habilidades intelectuais, que investigue um suposto crime de assassinato de um dos monges residentes no local. À medida que a investigação se desenrola, outras mortes acontecem seguindo o padrão das sete trombetas do Apocalipse de João.

A abadia onde se passa a trama hospedava uma biblioteca que, nesse mundo fictício, era a maior biblioteca do mundo, comparável à biblioteca de Alexandria (e toma o mesmo rumo que esta). No entanto, ao invés de ser um local de divulgação do conhecimento, a abadia se tornara um local de censura e vigia do conhecimento. O que motivou a sequência de mortes foi a presença de um livro (suposto segundo volume da *Poética*, de Aristóteles) que estava gerando discussões teológicas relacionadas ao riso.

Através dessa narrativa, Eco prestou homenagens a grandes escritores como sir Arthur Conan Doyle (Guilherme de Baskerville é uma clara referência a uma de suas obras mais famosas, além de esse personagem adotar um método de investigação semelhante ao de Sherlock Holmes, principal personagem de Doyle) e Jorge Luís Borges (além da biblioteca da abadia que lembra a biblioteca de Babel, famoso conto do escritor argentino, o principal vilão da história é um idoso cego que tenta defender essa biblioteca e se chama Jorge de Burgos). Ele também retomou pensadores medievais como Aquino e Ockham. Também tem referências a uma de suas principais influências filosóficas: Charles Sanders Peirce. Essas referências, contudo, não são tão diretas como as mencionadas anteriormente porque o filósofo americano não existia ainda no tempo em que se passa a história, mas suas ideias são constantemente apresentadas.

O objetivo deste trabalho é mostrar como o conceito de abdução de Peirce é apresentado nessa obra de ficção. Para isso, primeiro será feita uma rápida apresentação da influência de Peirce sobre Eco. Depois uma apresentação geral da filosofia peirceana será discutida. A partir disso, será detalhado o conceito de abdução. E, por fim, será analisado como em *O nome da rosa* o conceito auxilia no desenvolvimento do personagem principal: Guilherme de Baskerville.

## Uma rápida história da influência de Peirce em Eco

Umberto Eco conclui seu doutorado com uma tese sobre a estética em Tomás de Aquino. Inicialmente um medievalista (inclinação que nunca abandonou definitivamente, como provam os vários estudos e ficções que escreveu remetendo a essa época), ele migra, a partir da estética, para a semiótica. E, nisso, Peirce teve uma grande influência. A partir da análise da semiótica peirceana, Eco desenvolve a

ideia da semiose ilimitada, divulgada principalmente em seu livro *Obra aberta* (ECO, 1991).

Essa ideia se baseia no processo de produção e interpretação de signos conforme Peirce descreve, segundo o qual, um signo é uma relação triádica entre: *representamen*, objeto e interpretante. O *representamen* é como o veículo do signo. A palavra 'fogo' é um exemplo de *representamen*. Objeto é aquilo que o signo determina em uma mente. No caso do fogo, o objeto pode ser a chama. Por fim, interpretante é justamente a determinação que o signo causa na mente, os efeitos que ele causa (CP 6.347). Como interpretação é a análise dessa relação e como os efeitos que um signo pode causar numa mente são potencialmente infinitos, então as interpretações em si seriam potencialmente infinitas na semiose ilimitada (ECO, 1991).

Tal proposta fez com que muitos associassem a semiótica ecoana com a desconstrução em Derrida ou propostas semelhantes, segundo as quais não haveria interpretações corretas de obras de arte. Ao longo de sua vida, no entanto, tentou se desvencilhar dessa associação ao tecer algumas críticas a Derrida e Foucault (RABENHORST, 2002; LOPES, 2010). Talvez o ápice desse esforço se dê em *Os limites da interpretação* (ECO, 2015). Nesse livro, ele propõe alguns critérios que limitam a interpretação. Dentre esses critérios está a economia e a intenção da obra. Esses critérios se baseiam na abdução peirceana. E, conforme será apresentado na terceira seção deste texto, a abdução está relacionada ao processo interpretativo e é constituída de critérios semelhantes (ALONSO, CAMILLO, 2022).

Alguns comentaristas de Eco, como Lopes (2010), defendem que ele modificou sua proposta de *Obra aberta*, negligenciando algumas ideias defendidas no livro. No entanto, o próprio autor discorda dessa análise. Segundo ele,

Em 1962, escrevi *Obra aberta*. Nesse livro, enfatizava o papel ativo do intérprete na leitura dos textos de valor estético. Quando essas páginas foram escritas, meus leitores se concentraram, sobretudo, no aspecto 'aberto' da história [...] Em vários escritos, desenvolvi a ideia de uma semiose ilimitada, formulada inicialmente por C. S. Peirce. Mas o conceito de semiose ilimitada não leva à conclusão de que a interpretação não precisa ter critérios (ECO, 2018, p. 28-29).

Apesar da leitura dada à ideia de Eco, as limitações interpretativas estavam presentes desde 1962. Claro que isso exigiu algumas explicações, como as que Eco teve que fazer à versão inglesa dessa obra. Contudo, não há aqui uma incoerência na obra do autor. Inclusive, já nesse primeiro livro (*Obra aberta*), o autor discute como o texto busca estabelecer um leitor ideal (termo que ele retirou de *Finnegans Wake*). O processo interpretativo infinito, em *Obra aberta*, estava na defesa de que o leitor recorrentemente interrogasse a obra (HOFF, 2015). Mas o foco estava na obra e não nas pulsões do leitor (ECO, 1991). Quanto a esse assunto da semiose ilimitada, ele conclui:

Em suma, dizer que um texto é potencialmente sem fim não significa que *todo* ato de interpretação possa ter um final feliz. Até mesmo o desconstrucionista mais radical aceita a ideia de que existem interpretações clamorosamente inaceitáveis. Isso significa que o texto interpretado impõe restrições a seus intérpretes. Os limites da interpretação coincidem com os direitos do texto (o que não quer dizer que coincidam com os direitos do autor) (ECO, 2015, p. xxii).

Nessa discussão acerca das restrições que o texto impõe ao leitor, Eco se

vale do conceito de abdução peirceana (ECO, 1984). Nesse sentido, a partir da inferência abductiva, o leitor captaria o código estabelecido pelo texto e cuja decifração corresponderia a uma interpretação adequada, que respeita os direitos do texto. Apesar de comentaristas peirceanos costumeiramente afirmarem que o modo pelo qual Eco compreende a abdução não seja exatamente o que Peirce quis dizer (SANTAELLA, 2004), é inegável a influência de Peirce nesse processo, especialmente porque Eco mantém algumas características essenciais da abdução peirceana. Além disso, o próprio autor se descreve não como um mero comentarista ou como um fiel religioso que simplesmente repete ou interpreta corretamente a obra de Peirce, mas como alguém que pega conceitos seminais e os desenvolve (ECO, 2013).

Quanto a estudos relacionados à abdução, especificamente, Eco organizou em conjunto com Sebeok um livro que discutia abdução e a relacionava com Peirce e Sherlock Holmes. O livro se chama *O signo de três* e contém um capítulo escrito por Eco no qual ele propõe três tipos de abdução (ECO, 2008), sendo justamente esse um dos textos mais criticados pelos comentaristas de Peirce por seu mal uso do conceito. Apesar disso, é uma análise conceitual bastante robusta, como defende Proni (2015).

Muito mais poderia ser dito quanto à influência de Peirce em Eco. O que foi exibido aqui é suficiente para demonstrar que Eco recebeu grande influência peirceana e que, por causa disso, faz sentido procurar por essa influência em suas obras de ficção, como será feito na última seção deste artigo. Uma análise mais pormenorizada da relação entre esses dois filósofos pode ser encontrada em Proni (2015) e Bellucci (2018).

### **Um breve resumo da fenomenologia e metafísica em Peirce<sup>2</sup>**

Conforme Ibri (2017) aponta, toda tentativa de entender Peirce deve começar por sua fenomenologia, que divide a experiência em três categorias. Para não se confundir com a corrente fenomenológica nascente na época, Peirce chama sua fenomenologia de faneroscopia. Por isso, vamos começar expondo a faneroscopia e suas implicações metafísicas. De fato, a base do pensamento de Peirce é sua faneroscopia porque, segundo ele, “Experiência é nossa única professora.” (CP 5.50)<sup>3</sup>. Isso porque raciocínio, percepção, testemunho, imaginação, memória e qualquer outra fonte de conhecimento deve ser, de alguma forma, experimentada. Por isso, toda sua filosofia parte do estudo da experiência.

A primeira coisa que podemos perceber ao analisar a experiência é que ela normalmente se evidencia por um confronto bruto, um choque com a alteridade (CP 1.324). Desse modo, a experiência vem de uma reação. O eu, de alguma forma, entra em contato com algo que não é o eu. Tal confronto, choque ou reação é sempre um evento individual, que ocorre com tempo e espaço determinados (CP 7.532). Porque essa reação precisa de dois elementos, sempre um segundo reagindo a um primeiro, que estava ali antes dele e, provavelmente, continuará ali depois dele, Peirce denominou essa categoria da experiência de Secundidade. “A ideia do *outro*, do *não*, torna-se o grande pivô do pensamento. A esse elemento eu

---

<sup>2</sup> Esta seção (“Um breve resumo da fenomenologia e metafísica em Peirce”) e a próxima (“Abdução: investigação e evolução”) são adaptadas do segundo capítulo da dissertação de mestrado do autor do artigo (CAMILLO, 2020).

<sup>3</sup> Original em inglês: “Experience is our only teacher.”

dou o nome de Secundidade.” (CP 1.302, destaques do autor)<sup>4</sup>.

Ora, se Secundidade é o contato de um segundo com um primeiro, então uma análise desse primeiro leva a outra categoria da experiência, a saber, a Primeiridade. Primeiridade seria não somente aquilo que pode ser experienciado (CP 1.304), mas a própria sensação de experiência também se enquadra na Primeiridade. Qualidades em geral pertencem à Primeiridade, porque é característica dela poder ser experienciada. Por isso, a Primeiridade é, também, um pode-ser, um talvez, aquilo que pode ser experienciado, mas ainda não é.

Além disso, a experiência de algo se dá numa continuidade. A essa experiência de continuidade, Peirce dá o nome de Terceiridade, porque é uma terceira “coisa” que conecta o segundo com o primeiro. No caso, a continuidade junta o segundo com o primeiro. Mas não é só continuidade temporal que está englobada pela Terceiridade. Qualquer categorização, agrupamento de experiências, é Terceiridade porque, embora não seja continuidade temporal, indica algum tipo de continuidade ou generalização. Assim, quando alguém separa determinados objetos experienciados em seres vivos, animais, quadrúpedes, comedores de grama, utilizados para correr, animais que relincham, e chama os componentes desse grupo de cavalos, isso é uma Terceiridade porque é a experiência de uma generalização. Desse modo, tanto a continuidade temporal, quanto a generalização são algum tipo de mediação porque são elas (continuidade e generalização) que unem os segundos com os primeiros (CP 1.377). O signo, como veremos no subtópico da semiótica, é Terceiridade.

Resumindo, Primeiridade é a sensação, a qualidade em si, que tem a possibilidade de ser experienciada. Secundidade é a reação, o contato com o outro, a alteridade. Terceiridade é mediação, continuidade e generalização. Apesar de serem separadas abstratamente, as três categorias são experienciadas sempre em conjunto.

A partir dessa faneroscopia, como lembra Ibri (2017), Peirce se pergunta como deve ser a realidade de modo a permitir tal fenomenologia. Um primeiro ponto a se perceber acerca dessa realidade é que ela se impõe a nós. Para que haja confronto, é necessário que a realidade tenha um aspecto coercitivo sobre nós. A realidade, desse modo, não é idealista, mas realista já que não depende de uma mente ou do que pensamos ou argumentamos sobre ela. “[...] realidade é esse modo de ser em virtude do qual a coisa real é como é independentemente de como alguma mente ou algum conjunto definido de mentes possa representá-la como sendo.” (CP 5.565)<sup>5</sup>. Aqui, vemos o elemento da Secundidade na realidade. São os fatos duros, os eventos, aquilo que se opõe. Conhecemos esses fatos duros não só quando eles reagem conosco, mas também quando reagem entre si. Peirce denomina esse aspecto da realidade de Existência. Ela que permite a Secundidade. Existir é estar em oposição a algo. Desse modo, Peirce (CP 1.457) exemplifica: uma mesa fantasma não existe porque não se opõe a nada.

Outra característica da realidade é que essa oposição é insistente. Ou seja, ela não é pontual, mas, de alguma forma, contínua. Para experienciar essa continuidade, é necessária uma consciência que tenha continuidade no tempo, mas essa consciência não experienciaria isso se a realidade não fosse, de fato, contínua.

<sup>4</sup> Original em inglês: “The idea of *other*, of *not*, becomes a very pivot of thought. To this element I give the name of Secondness.”

<sup>5</sup> Original em inglês: “[...] reality is that mode of being by virtue of which the real thing is as it is irrespectively of what any mind or any definite collection of minds may represent it to be.”

Essa continuidade acaba se tornando uma regularidade. Essa regularidade é experienciada pela consciência, mas não depende dela. E pode-se avaliar que, de fato, não depende dela quando se propõe a analisá-la no futuro (CP 5.48). Se ela se mantiver no futuro, então, ela é real. Essa permanência ou regularidade proporciona a Terceiridade. Ela que permite que a mente medeie coisas e eventos. Peirce chama esse aspecto da realidade de Lei (IBRI, 2017).

Ora, nem Lei nem Existência permitem a categoria da experiência denominada de Primeiridade. A qualidade em si, tomada por si mesma, não está em oposição a nada a menos que uma mente a medeie e a coloque em oposição a algo. Mas, conforme já vimos, a Primeiridade é um pode-ser. A esse aspecto de possibilidade da realidade, Peirce chama de Chance (CP 7.521).

Peirce entende o universo como estando num processo de Evolução, que pode se assemelhar a uma explicação quântica do funcionamento do elétron (HAWKING, 2018). De maneira bem sucinta, Hawking explica que o elétron pode ser descrito como uma nuvem probabilística que pode ter qualquer posição num certo espaço. Porém, a partir do momento em que se usa um instrumento de medição, o contato do instrumento faz com que a localização do elétron seja definida. E quando muitas partículas se unem e os estudos deixam de se focar no comportamento das partículas e começam a se focar no comportamento dos conjuntos, os comportamentos ficam mais definidos. Por isso, é fácil prever a trajetória de um projétil enquanto isso não ocorre em relação ao elétron. Considerando esse caso como uma analogia à Evolução de Peirce, a localização do elétron (ou de partículas semelhantes) é uma questão de Chance. Quando esse elétron entra em contato (Secundidade) com outra coisa (instrumento de medição ou outro elétron), sua localização é determinada (Existência). O acúmulo disso gera algo que é fácil de prever, como a trajetória de um projétil (nasce, então, a Lei).

Diante dessa perspectiva, Hawking (2018) considera que o Big Bang veio de um pequeno agrupamento de partículas, que pode ser chamado de estado inicial, (que ele considera semelhante a um buraco negro) que se comportava de modo semelhante ao elétron. Ele propõe que o Big Bang tenha ocorrido justamente porque o comportamento do estado inicial se dá em termos probabilísticos tal qual o do elétron. Nesse caso, pode se pensar que não apenas o estudo do elétron se dá a partir da sequência Chance, Existência e Lei, mas o próprio universo, por ter comportamento semelhante, poderia ser explicado a partir dessa sequência. Essa passagem da Chance para a Lei é chamada de Evolução (ou Evolucionismo) por Peirce. Essa evolução permite que o universo que inicialmente poderia ser totalmente aleatório (Chance) se torne compreensível (Lei). Por isso, Ibri (2017) nomeia o universo tal qual Peirce o descreve de *kosmos noetos*: um universo cognoscível.

A partir das três categorias fenomênicas (Primeiridade, Secundidade, Terceiridade) e das três categorias da realidade (Chance, Existência, Lei), é possível entender o método investigativo de Peirce, em que cada raciocínio se encaixa de forma mais adequada. No caso, a abdução se relaciona à Primeiridade (e Chance), ou melhor, abdução pode ser entendida como o salto com que se passa da Primeiridade (e Chance) à Terceiridade (e Lei) (SANTAELLA, 2005). As palavras entre parênteses realçam que a abdução é o salto da Primeiridade para a Terceiridade e que apontam para o salto metafísico da Chance para a Lei. Esse salto metafísico é o conceito de Evolução discutido nos parágrafos anteriores. Dito de maneira mais clara, o modo de funcionamento da abdução reflete o modo de

funcionamento do universo. É o que será desenvolvido de forma mais detalhada na próxima seção, para evidenciar o papel da abdução no meio disso tudo.

### **Abdução: investigação e evolução**

Abdução é um conceito apresentado por Peirce para introduzir um tipo diferente de raciocínio. Além da dedução e indução já conhecidos na época, ele introduz um terceiro, que é a formulação e seleção de hipóteses (ALONSO, CAMILLO, 2022). Segundo o autor,

O primeiro começo de uma hipótese e o recebimento dela, se como uma simples interrogação ou com qualquer grau de confiança, é um passo inferencial ao qual eu proponho chamar de **abdução**. Isso incluirá uma preferência para qualquer hipótese sobre outras que explicariam igualmente os fatos, desde que essa preferência não seja baseada em nenhum conhecimento prévio que sustente a verdade da hipótese nem em nenhum teste, depois de as ter admitido provisoriamente. Eu chamo todas essas tais inferências pelo nome peculiar, abdução, porque sua legitimidade depende, em tudo, de princípios diferentes daqueles de outros tipos de inferência (CP 6.525, negrito destacado pelo autor)<sup>6</sup>.

Essa formulação de hipóteses é algo automático através da qual a mente propõe hipóteses para organizar fatos aleatórios (passar da Primeiridade para a Terceiridade). Poderia, nesse sentido, ser confundida com indução, mas existem grandes diferenças entre elas (PEIRCE, 2008), das quais a principal é que a indução depende de um conhecimento empírico prévio, enquanto a abdução é um salto argumentativo ainda maior. Ele pode se dar de várias formas: enquanto a indução pega um caso e um resultado e infere a regra, a abdução pega uma regra e um resultado e deles, infere um caso (PEIRCE, 2008); pode se dar por meio de interrogação (HP 2:895-900); afirmação do antecedente (W1:180), entre outros. Por isso, a abdução está muito relacionada a processos de investigação, tais como em histórias de detetive e em diagnósticos médicos. O investigador tem um resultado (a morte de uma pessoa ou um sintoma) e algumas regras tais como “tal doença causa tal sintoma” e, a partir daí, ele deve hipotetizar qual é o caso que de fato ocorreu.

Nesse processo, um dos principais princípios que guiam essa inferência é a economia: “[...] se duas hipóteses se apresentam, uma das quais pode ser satisfatoriamente testada em dois ou três dias enquanto testar a outra poderia tomar um mês, a primeira deveria ser testada primeiro, mesmo que sua probabilidade seja bem menor.” (CP 5.598)<sup>7</sup>. Além disso, o princípio da economia pressupõe um acréscimo menor de dados ao que já está apresentado (ECO, 2008;

---

<sup>6</sup> Original em inglês: “The first starting of a hypothesis and the entertaining of it, whether as a simple interrogation or with any degree of confidence, is an inferential step which I propose to call abduction. This will include a preference for any one hypothesis over others which would equally explain the facts, so long as this preference is not based upon any previous knowledge bearing upon the truth of the hypotheses, nor on any testing of any of the hypotheses, after having admitted them on probation. I call all such inference by the peculiar name, abduction, because its legitimacy depends upon altogether different principles from those of other kinds of inference.”

<sup>7</sup> Original em inglês: “[...] if two hypotheses present themselves, one of which can be satisfactorily tested in two or three days, while the testing of the other might occupy a month, the former should be tried first, even if its apparent likelihood is a good deal less.”

ALONSO, CAMILLO, 2022).

Dessa forma, o médico ao investigar um sintoma deve não apenas procurar primeiro por doenças mais facilmente testáveis, mas também investigar doenças que explicam a maior quantidade de sintomas. Por exemplo, um paciente chega no médico com dor de cabeça, dor na barriga, caroços vermelhos no braço e febre. A primeira hipótese de um médico que utilize a abdução é investigar por dengue ou outras doenças infecciosas que sozinhas são capazes de abarcar todos esses sintomas. Um erro seria supor que a dor de cabeça vem de um câncer na cabeça, enquanto a dor na barriga vem de um câncer no intestino e os caroços vêm de uma alergia e, assim, multiplicar possíveis antecedentes quando apenas um daria conta de todos os resultados. O princípio da economia, nesse sentido, previne essa multiplicação de possibilidades que levaria a uma dificuldade maior de testes e de compreensão acerca do que, de fato, está acontecendo. É o princípio que leva detetives, no caso de mortes muito similares num tempo e local delimitados, a suspeitarem de um único assassino em série ou grupo coordenado e não hipotetizar que sejam mortes completamente não-relacionadas, semelhantes apenas por acaso (XXXX, 2020).

Um segundo princípio que é essencial para a abdução é o princípio da coerência (ECO, 1984; MAGNANI, 2009; ALONSO; CAMILLO, 2022). Esse princípio, apesar de não ser diretamente expresso por Peirce, deriva da definição dele de abdução como uma inferência que reúne fatos aparentemente aleatórios (CP 7.36). Essa reunião deve ser coerente, de modo que os fatos sejam justamente acomodados uns com os outros. Essa é justamente a construção de uma hipótese explicativa seguindo os princípios da abdução peirceana.

A importância da testagem para a abdução é que, no processo de investigação científica, ela formula uma hipótese. A partir dessa hipótese, o cientista pode fazer deduções e fazer testes empíricos (levando a um passo indutivo) para conferir se a hipótese está correta ou não. Ou seja, a investigação parte da abdução, vai para a dedução e finaliza com a indução (PEIRCE, 2008). E, por ser um salto argumentativo, por não ser baseado em consequência lógica nem em dados empíricos, a abdução é o menos confiável dos tipos de inferência (W1:425).

Apesar disso, Peirce entende que a abdução normalmente conduz a hipóteses acertadas. Isso porque, como mencionado na seção anterior, a Evolução do universo, na concepção peirceana, funciona da mesma forma. Isso leva a abdução a ser uma adequação da mente com a natureza (CP 2.776). É a luz da natureza (*il lume nature*, nas palavras do filósofo) que impressiona a mente (CP 5.581) de modo que, tal qual um pintinho tem por instinto seguir sua mãe, a mente humana tem por instinto seguir a verdade.

Ou seja, a base para a investigação científica começa com a abdução, que é formulação e seleção de hipóteses que junta fatos aleatórios em um conjunto, e a abdução funciona bem porque o universo funciona da mesma forma, evoluindo da Chance para a Lei. É isso que será percebido ao longo do livro *O nome da rosa*, especialmente tendo em vista o desenvolvimento de seu personagem principal, Guilherme de Baskerville.

### **Abdução em *O nome da rosa***

Uma das primeiras cenas do livro ocorre quando Adso e Guilherme estão

chegando à abadia e encontram monges procurando algo. Em uma clara referência ao estilo de Sherlock Holmes, Guilherme não apenas revela o que estão procurando, um cavalo escuro de nome Brunello, mas também seu paradeiro sem nunca ter visto ou ouvido falar do cavalo, apenas visto alguns sinais (signos) deixados por ele no caminho. Como Bellucci (2018) argumenta, esse é um dos primeiros usos de abdução no livro. De fato, posteriormente explicando seu método a Adso, o protagonista diz:

Alinho muitos elementos desconexos e imagino hipóteses [...] Vê, no caso do cavalo Brunello, quando vi as pegadas, imaginei muitas hipóteses complementares e contraditórias: podia ser um cavalo em fuga, podia ser que o abade, montado naquele belo cavalo, tivesse descido pela encosta, podia ser que um cavalo Brunello tivesse deixado os sinais sobre a neve e outro cavalo Favello, no dia anterior, as crinas na moita, e que os ramos tivessem sido partidos por gente. Eu não sabia qual era a hipótese correta até que vi o despenseiro e os serviçais procurando ansiosamente. Então compreendi que a hipótese de Brunello era a única cabível [...] (ECO, 2021, p. 342).

Aqui, claramente, está sendo descrita a inferência abduativa. Primeiro, porque há a formulação de hipóteses. Segundo, porque essas hipóteses buscam organizar os fatos aleatórios de modo coerente (princípio da coerência). Terceiro, porque essas hipóteses se dão por analisar o resultado (sinais deixados pelo cavalo), tendo em mente algumas regras universais e hipotetizando o caso que de fato aconteceu. Quarto, porque sua verdade depende de posterior evidência empírica. Quinto, porque, como Eco (2008) defende que o método de Holmes, na verdade, é a abdução (não dedução como o personagem chama) e como ele está aqui referenciando o método de Holmes, então só pode se tratar de abdução. Está faltando aqui, no entanto, o critério da economia. Vários sinais foram deixados pelo cavalo: pegadas, um pouco de crina perdida e ramos quebrados indicando a passagem de algum animal ou pessoa. O critério da economia proporia uma hipótese única para todos esses fatos (como de fato aconteceu na narrativa), mas Guilherme ainda se deu ao trabalho de imaginar que cada um desses sinais fosse deixado por diferentes agentes.

No entanto, isso não significa que o critério da economia não se mostre presente na obra. Antes, ao começar a investigar as mortes que ocorriam na abadia, Guilherme diz para o noviço: “Caro Adso, não cabe multiplicar explicações e causas sem que se tenha **estrita** necessidade [...] **Tudo se explica usando um número menor de causas.**” (ECO, 2021, p. 127, destaque acrescentado). O uso de “estrita” aqui lembra Eco (2015) falando do critério da economia como um limitador da interpretação. Segundo ele, a menos que haja fortes evidências para uma explicação múltipla (como múltiplas fontes de um texto), deve-se prezar por explicações que recorrem ao menor número de causas. E quando ele afirma que “tudo” se explica dessa forma, há aqui já uma referência à abdução como uma adequação à natureza, a *il lume nature*, apresentada por Peirce. Mas, antes de lidar com esses aspectos da abdução no romance, mais uma citação detalha a abdução como método de Guilherme ao investigar algum caso:

[...] resolver um mistério não é a mesma coisa que deduzir a partir de princípios primeiros. E tampouco equivale a recolher muitos dados particulares para depois deles inferir uma lei geral. Significa achar-se diante de um, dois ou três dados particulares, que aparentemente não têm nada em comum, e tentar

imaginar se eles podem ser casos de uma lei geral que não conheces ainda e talvez nunca tenha sido enunciada [...] Diante de alguns fatos inexplicáveis deves tentar imaginar muitas leis gerais, em que não vês ainda conexão com os fatos de que estás te ocupando: e de repente, na conexão inesperada de um resultado, um caso e uma lei, esboça-se um raciocínio que te parece mais convincente que os outros. (ECO, 2021, p. 341-342).

Nessa citação, Guilherme diferencia abdução de dedução (primeira frase) e indução (segunda frase). Não há uma nomenclatura para esse tipo de inferência no livro, mas fica claro que é da abdução que o personagem está tratando aqui. Note que ele fala de ligar fatos aparentemente desconexos, que concorda com a definição que Alonso e Camillo (2022) dão para a abdução peirceana, seguindo o princípio da coerência, em especial. De forma básica, então, o método de investigação do franciscano é observar os signos, propor uma hipótese que os explique de modo geral e depois testar essa hipótese. É o que ele faz quando tem que decifrar, por exemplo, um código deixado em um manuscrito:

Mas a primeira regra para decifrar uma mensagem é adivinhar o que ela quer dizer [...] É possível formular hipóteses sobre quais poderiam ser as primeiras palavras da mensagem e depois ver se a regra inferida vale para todo o resto do escrito [...] Inventá-la. E depois ver se é verdadeira. (ECO, 2021, p. 201-202)

Pela abdução, o protagonista também acessa leis gerais e isso, algumas vezes, se dá “de repente”. Começa a fazer sentido a ideia de que para o frei, abdução está relacionada com a própria natureza, é uma forma de sintonia com ela. E que a natureza tem certa ordem que pode ser conhecida. Isso pode ser um exemplo da influência da metafísica de Peirce para o autor de *O nome da rosa*, já que se está falando aqui de um universo cognoscível.

De fato, por fazer parte da ordem franciscana, Guilherme estava muito interessado em estudar a natureza (ECO, 2021, p. 57). Nesse estudo, a natureza funcionava como um signo a ser interpretado. E essa interpretação, para o frei, pressupunha a formulação da hipótese de que o universo funcionava com uma ordem, de modo econômico. Assim, o resultado de suas investigações seria apenas reflexo de como o universo funcionava. É o que se vê numa discussão entre Adso e seu mestre sobre o problema dos universais e também o problema da indução. Diz Guilherme:

[...] eu preciso acreditar que minha proposição funciona, porque aprendi com base na experiência, mas para acreditar deveria supor que existem leis universais, contudo não posso falar delas, porque o próprio conceito de que existem leis universais e uma ordem dada das coisas implicaria que Deus seria prisioneiro delas, ao passo que Deus é coisa tão absolutamente livre que, se quisesse e por um só ato de sua vontade, o mundo seria diferente. (ECO, 2021, p. 243).

Em outras palavras, a investigação da natureza somada à fé de que o mundo tem uma ordem lhe permitia tirar certas conclusões acerca da realidade. O problema que ele vê aqui é que isso poderia gerar um conflito com a própria natureza de Deus, que é livre, em sua visão. Apesar dessa dúvida, Guilherme ainda tinha fé porque suas inferências tendiam à verdade:

- É uma vida difícil a vossa – eu disse.

- Mas encontrei Brunello – exclamou Guilherme, aludindo ao cavalo de dois dias antes.
  - Então há uma ordem no mundo! – gritei triunfante.
- (ECO, 2021, p. 244).

Guilherme é, então, um frei crente em Deus, que usa inferências para investigar casos do mundo e entender melhor a criação de Deus. No entanto, entende que seu método não é muito confiável a menos que o mundo tenha essa ordem criada por Deus, porque, como Peirce diz, a abdução é o tipo menos forte de inferência. Por isso, ele deve ter fé de que o mundo é assim para que valha a pena testar se suas hipóteses façam sentido. E quando elas se provam corretas, surge uma evidência de que o universo tem uma ordem dada por Deus. O franciscano, no entanto, teme a todo momento que Deus, por ser livre, mude a ordem e nada mais faça sentido para ele. Seria como ler um signo sem significado: “Mas não esqueçamos que também há signos que parecem signos e, no entanto, estão isentos de sentido, como blitiri ou bu-ba-baff...” (ECO, 2021, p. 141). Abdução, então, mais que um método de investigação do protagonista, está ligada a sua psiquê: suas crenças, que conduzem seus comportamentos e, principalmente, sua visão de mundo. Ele é um homem que, apesar de ter dúvidas, especialmente devidas à natureza de Deus, se agarra a sua fé e prossegue em suas investigações exatamente por causa da fé e isso, até o momento tinha se provado correto: o universo, até então, se mostrava cognoscível. Como ele diz posteriormente, essa cognoscibilidade do mundo é obra de Deus: “A mão de Deus cria, não oculta.” (ECO, 2021, p. 518). Por isso, ele tinha motivos para continuar sua investigação.

Porém, quando se chega ao final da narrativa e entende-se o que estava, de fato, acontecendo na abadia, a fé numa ordem no universo mantida por Deus começa a ruir. Isso porque a abdução falha na investigação. Seguindo o critério da economia, as mortes que estavam ocorrendo ao estilo das sete trombetas do Apocalipse apontavam para um único culpado. Além disso, o fato de todas as mortes estarem relacionadas a um livro torna a ideia de que tudo estava relacionado a uma pessoa ainda mais convincente, pois seguiria o princípio da coerência ao reunir fatos aleatórios por meio de uma única explicação coerente. O que ocorreu, no entanto, é que cada morte tivera um motivo diverso, uma fora suicídio, outras, assassinato e ainda outras apenas acidente. Não havia um fio condutor que explicasse as mortes e, somada a isso, a destruição da biblioteca onde estava todo o conhecimento do mundo acumulado até, então, Guilherme desabafa:

Nunca duvidei da verdade dos signos, Adso, são a única coisa de que o homem dispõe para orientar-se no mundo. O que eu não compreendi foi a relação entre os signos. Cheguei até Jorge através de um esquema apocalíptico que parecia reger todos os crimes, contudo era casual. Cheguei até Jorge procurando um autor de todos os crimes, e descobrimos que cada crime tinha no fundo um autor diferente, ou então nenhum. Cheguei até Jorge seguindo o plano de uma mente perversa e raciocinativa, e não havia plano algum, ou melhor, o próprio Jorge fora suplantado por seu plano inicial e depois se iniciara uma cadeia de causas e concausas e causas mutuamente contraditórias, que procederam por conta própria, criando relações que não dependiam de nenhum plano. Onde está toda minha sabedoria? Comportei-me como um obstinado, seguindo um simulacro de ordem, quando devia bem saber que não há ordem no universo. (ECO, 2021, p. 532).

É interessante nesse discurso de desesperança ante a incognoscibilidade do

mundo após o fracasso da abdução ele mencionar causas mutuamente contraditórias, o que revela uma quebra do princípio da coerência. Não apenas a explicação para os fatos não era a mais econômica como também não era coerente em si. Isso porque Jorge, que seria o principal responsável pelas mortes, embora muitas fugiram de seu controle, como Guilherme afirmou, estava justamente tentando defender a verdade. Tudo começou por causa de um suposto segundo livro da Poética de Aristóteles no qual o filósofo macedônio defendia o riso. Jorge queria impedir que esse livro viesse à tona porque o riso era prejudicial, entre outros motivos, por colocar em xeque a verdade (ECO, 2021, p. 513-516). Falando sobre os perigos do riso, Jorge diz:

Mas, se um dia alguém, agitando as palavras do Filósofo, portanto falando como filósofo, levasse a arte do riso à condição de arma sutil, se a retórica do convencimento fosse substituída pela retórica da irrisão, se a tópica da paciente e salvadora construção das imagens da redenção fosse substituída pela tópica da impaciente desconstrução e da subversão de todas as imagens mais santas e veneráveis, oh, esse será também o dia de tua destruição e de toda a tua sabedoria, Guilherme! (ECO, 2021, p. 516).

As ações de Jorge tinham como objetivo preservar a verdade que garantia a sabedoria de Guilherme e, no entanto, seu resultado foi sua destruição. O franciscano, agora, sem esperança na verdade, reconhece que, como ele discutira antes, ali se faz presente a liberdade divina: “É difícil aceitar a ideia de que não pode haver ordem no universo, porque ofenderia a livre vontade de Deus e sua onipotência. Assim, a liberdade de Deus é nossa condenação, ou pelo menos, a condenação de nossa soberba.” (ECO, 2021, p. 533). Guilherme, era, antes disso, um sacerdote que tinha muita fé na busca pela verdade, mas mantinha alguma dúvida devido a liberdade de Deus. Ao final da trama, porém, isso se reverte. Ele termina com muita descrença e desmotivado na busca pela verdade, mas com um resquício de fé. Quando Adso pergunta se ele não está sendo fatalista demais, sua resposta é citar 2 Reis 3 verso 19, na versão da Vulgata Latina, indicando que, provavelmente, ele acreditava que Deus não é o culpado de tudo o que ocorrera, pois Deus não se encontra na confusão e agitação:

- Pretendeis dizer – perguntei – que não haveria mais saber possível e comunicável se faltasse o critério da verdade, ou então que não poderíeis comunicar aquilo que sabeis porque os outros não o consentiram? [...]
- Há muita confusão aqui – disse Guilherme. – Non in commotione, non in commotione Dominus (ECO, 2021, p. 533).

No último fólio do livro, Adso, o narrador, já velho e lembrando os eventos da abadia, diz que muitos anos depois retornou ao local dos crimes. Ele encontrou vários fragmentos de livros que sobreviveram à destruição do local. Contudo, a junção desses fragmentos não gera qualquer sentido: “[...] aquilo que escrevi com base nessas folhas nada mais é que [...] um imenso acróstico que não diz e não repete nada além daquilo que esses fragmentos me sugeriram [...]” (ECO, 2021, p. 541). De maneira metafórica, o narrador parece querer dizer que tudo aquilo que aconteceu (a partir dos signos que restaram) não passa de um signo que não tem sentido, como temera Guilherme no princípio.

Abdução, então, em *O nome da rosa*, é um método de investigação que busca economia de hipóteses, na coerência delas e se baseia na ordem do mundo

estabelecida por Deus. No entanto, por ser um método frágil de investigação, depende da fé nessa ordem. É o que mantém Guilherme em seu caminho de busca pela verdade. Ao fim da obra, no entanto, a abdução se mostra falha, o universo parece desordenado e Deus se revela como livre. Guilherme de Baskerville, então, desesperançado, tenta acreditar que a culpa não é divina e que, portanto, ainda pode haver fé na busca pela verdade. A sabedoria humana ainda tem uma luz no fim do túnel. Caso contrário, tudo passaria de um signo que nada tem a dizer. É por isso que Eco (2021, p. 564) diz que em seu *Pósfácio ao Nome da Rosa*, que seu livro é um pretenso romance policial. Não só porque o detetive se vê derrotado ao final, mas porque as motivações para a investigação se desfazem ao final dele.

### Considerações finais

Neste artigo, foi analisado o papel da abdução peirceana em *O nome da rosa*, romance de Umberto Eco. Para isso, discutiu-se a influência de Peirce na filosofia de Eco e detalhou-se brevemente qual era a filosofia de Peirce. Quando o romance foi investigado, foi possível notar as influências de Peirce ali presentes quanto ao conceito de abdução e de universo cognoscível. Esses dois conceitos serviram de base para a construção do protagonista, Guilherme de Baskerville, que passa de crente na abdução como método de alcançar a verdade e no universo como cognoscível para descrente em tudo isso. Seria de grande interesse tanto para a filosofia quanto para a literatura que investigações posteriores apresentassem o pensamento de Eco e suas influências a partir de suas obras de ficção.

### Referências

ALONSO, B.; CAMILLO, J. C. Interpretação de atos de fala: Metáforas e o papel da abdução. *Veritas*, v. 67, n. 1, p. e40490, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2022.1.40490>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BELLUCCI, F. Eco and Peirce on abduction. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, v. X, n. 1, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/ejpap.1122>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CAMILLO, J. C. **Interpretação dos atos de fala: o papel da abdução**. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Cuiabá-MT, 2020.

ECO, U. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

ECO, U. **Obra aberta**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ECO, U. Chifres, cascos e canelas. Algumas hipóteses acerca de três tipos de abdução. In: ECO, U.; SEBEOK, T. A. **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, U. **Da árvore ao labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ECO, U. **Os limites da Interpretação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ECO, U. **O nome da rosa**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HOFF, P. C. **Obra aberta, mas não escancarada**: sobre a abertura poética e os limites da interpretação e a sua contribuição para o ensino da literatura. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós**: the metaphysical architecture of Charles S. Peirce. Dordrecht: Springer, 2017.

LOPES, M. C. Umberto Eco: da “Obra Aberta” para “Os Limites da Interpretação”. **Revista Redescrições**, v. 1, n. 4, p. 1-17, 2010.

PEIRCE, C. S. (CP) **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v.

PEIRCE, C. S. (HP) **Historical Perspectives on Peirce’s Logic of Science**: a History of Science. v. 1-2. Berlim: Mouton, 1985.

PEIRCE, C. S. (W) **The Writings of Charles S. Peirce**: a chronological edition. Vols. 1-6. Bloomington: Indiana University Press, 1980-2000.

PEIRCE, C. S. **Ilustrações da lógica da ciência**. Tradução de Renato Rodrigues Kinouchi. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

PRONI, G. Umberto Eco and Charles Peirce: a slow and respectful convergence. **Semiotica**, v. 206, p. 13-35, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/sem-2015-0021>. Acesso em: 20 ago. 2022.

RABENHORST, E. Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida. **Prim@ Facie**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2002.

SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SANTAELLA, L. Abduction: The Logic of Guessing. **SEMIOTICA**, v. 153, n.1, p. 175-198, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.2005.2005.153-1-4.175>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Recebido: 08/2022  
Aprovado: 11/2022